

**A TRAVESSIA DA ANGÚSTIA:  
Pontes entre Sartre e Lacan  
THE CROSSING OF ANGUISH:  
Bridges between Sartre and Lacan**

Cezar Augusto Vieira Junior<sup>1</sup>  
Noeli Dutra Rossatto<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com este artigo, temos como objetivo possibilitar a abertura para o diálogo entre Sartre e Lacan a partir do conceito de angústia, tendo como porta de entrada algumas das elaborações do seminário 10. Também buscamos delinear a compreensão da angústia na perspectiva sartriana, além de demarcar diferenças entre as concepções dos autores quanto a esse conceito. Para realizar essa travessia, introduzimos a discussão retomando algumas proposições freudianas sobre a angústia; em seguida, exploramos o interesse de Sartre pela psicanálise e a importância de suas tentativas de integração desse campo do conhecimento ao seu existencialismo. Então, extraímos da obra sartriana o delineamento de uma teoria da angústia para, enfim, adentrarmos a transposição entre os autores, colocando em diálogo conceituações do existencialista e do psicanalista franceses.

**Palavras-chave:** Angústia. Sartre. Lacan. Existencialismo. Psicanálise.

**ABSTRACT:** With this paper, we aim to open up the dialogue between Sartre and Lacan since the concept of anguish, having as a gateway some of the elaborations of the seminar 10. We also seek to outline the understanding of anguish from a Sartrian perspective, in addition of demarcating differences between the authors conceptions of anguish. To carry out this crossing, we introduce the discussion by taking up some Freudian propositions about anguish; then, we explore Sartre's interest in psychoanalysis and the importance of his attempts of integrate this field of knowledge into his existentialism. So, we extract from Sartrian work the outline of a theory of anguish to enter, finally, at the transposition between the authors, putting into dialogue conceptualizations of the French existentialist and psychoanalyst.

**Keywords:** Anguish. Sartre. Lacan. Existentialism. Psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

Não há como compreender a experiência da existência humana sem tecer, minimamente, um comentário sobre a angústia. Questão que atravessa a tradição existencialista desde Kierkegaard, parece revelar ao ser humano a impossibilidade de firmar absolutamente sua definição, sua objetividade e positividade.

---

<sup>1</sup> Psicólogo e Bacharel em Filosofia. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutorando em Filosofia pela mesma Instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7337-5215>. E-mail: [cezaugjr@gmail.com](mailto:cezaugjr@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de Barcelona. Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4176-574X>. E-mail: [rossatto.dutra@gmail.com](mailto:rossatto.dutra@gmail.com).

Em sua negatividade, então, o ser humano se encontra em um mundo dado, construído e constituído por outros, produtos e produtores desse mundo. E é nesse movimento que ele se depara com sua condição humana: é necessário escolher, é preciso fazer e fazer-se. Aparece aí, em evidência, a questão da liberdade. É Sartre quem explora esse conceito, colocando o ser humano nos limites entre liberdade e responsabilidade. Vagando no campo dos possíveis, ponderando entre o desamparo e a angústia, o homem vai se deparando com o peso dessa necessidade de escolher ao perceber que esse processo vai fazer algo dele, além de modificar o ambiente ao seu redor. Mas o debate sobre a angústia não fica restrito às elaborações filosóficas, configurando-se também como fundamental no campo psicanalítico, desde as primeiras formulações de Freud. Ali, o ser humano aparece marcado pelas suas impossibilidades, onde seus conflitos, transmutados em sintomas, apareciam justamente para dar um destino à angústia. Ainda que o conceito ocupasse lugares diferentes daqueles da filosofia da existência, aqui num caráter muito mais íntimo e individual, e lá sinalizando a abertura para o social, ele ainda assim demarca outro ponto inescapável da condição humana. É aqui, então, que aparecem as contribuições de Lacan, em *O Seminário*, livro 10: a angústia. Retomando a discussão freudiana, ele amplia e aprofunda a compreensão da angústia, reafirmando seu lugar entre os conceitos fundamentais da psicanálise.

A partir das formulações lacanianas no seminário 10, abre-se a possibilidade de fazer uma transposição desde o debate existencialista até essas outras elaborações, ainda que o psicanalista francês sempre mantenha suas ressalvas com os existencialistas, sobretudo com Sartre. Desde já, ressaltamos que neste artigo não temos a pretensão de conciliar os pensamentos de Sartre e Lacan, mas apresentar o conceito de angústia como elemento de diálogo entre os dois autores franceses contemporâneos, uma vez que ambos se debruçam sobre o tema. Ainda que cada um deles dê seu próprio direcionamento para a questão, é possível sinalizar alguns pontos de convergência entre as ideias sartrianas e as proposições lacanianas no seminário 10. Dentre os objetivos propostos para o percurso que começamos aqui, destaca-se a abertura para o diálogo entre Sartre e Lacan a partir do conceito de angústia, fazendo de porta de entrada algumas das elaborações discutidas no seminário 10. Também buscamos delinear uma compreensão da angústia na perspectiva sartriana, além de demarcar diferenças entre as concepções dos autores quanto a esse conceito.

Observando o caminho à frente no intuito de darmos início a esta travessia, traçamos uma rota possível. De início, por já se tratar de um ponto de interesse convergente entre o existencialismo sartriano e a psicanálise lacaniana, começamos a caminhada passando rapidamente por Freud e algumas das suas primeiras elaborações sobre a angústia. A seguir, destacaremos o interesse de Sartre pela psicanálise, demonstrando a importância que esse campo do conhecimento tem dentro de sua perspectiva filosófica. No terceiro momento, adentrando um ponto crucial da travessia, discutimos as construções sartrianas sobre a angústia. Enfim, sob o efeito das leituras que mobilizaram nosso caminho até então, nos deparamos com a nebulosa margem que separa os olhares sobre a angústia.

## **2. ELABORAÇÕES SOBRE A ANGÚSTIA NOS ESCRITOS DE FREUD**

Ainda que o tema da angústia perpassasse as elaborações freudianas desde seu primórdio, é nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise* que Freud se debruça mais especificamente sobre sua discussão. De início o autor destaca que todos já experimentamos tal sensação, qualificando a angústia como um estado afetivo, e afirmando que “o problema da angústia configura um ponto nodal para o qual convergem questões as mais diversas e importantes, um enigma cuja solução haverá de lançar luz abundante sobre o conjunto de nossa vida psíquica” (FREUD, 2014a, p. 423). Na definição de seu objeto de estudo, Freud designa a diferença de abordagem da psicanálise em relação à medicina tradicional, que direciona seu interesse aos processos anatômicos envolvidos no desenvolvimento da angústia, aos estímulos medulares e neuronais. Mesmo que tal compreensão tenha a contribuir no estudo da angústia, como hoje se vê nos processos relacionados à ansiedade, Freud entende que o conhecimento da via anatômica ali envolvido não chega a contribuir no seu entendimento psicológico. Fica demarcado, desde aí, o olhar ampliado para a angústia, não apenas como a reação fisiológica, mas, principalmente, para o processo afetivo e as significações que daí decorrem.

Para melhor abordar a angústia, Freud divide-a em realista e neurótica. A primeira, trata-se de um estado bastante compreensível, pois é o caso onde há a percepção de um perigo externo, um dano esperado. A angústia, que ao aparecer diante de uma situação de perigo, possibilita a fuga. Dessa maneira, há uma espécie de mescla entre o afeto de angústia e ação defensiva, mas Freud identifica que, quando o animal assustado se

angústia e foge, o que há de adequado em tal conduta é o comportamento de fuga, não o angustiar-se. Por isso, ele afirma que há uma inadequação no desenvolvimento do afeto, e por isso tenta decompor ainda mais o tema, recorrendo às palavras *Angst* (angústia ou medo), *Furcht* (temor) e *Schreck* (terror). Em suas palavras:

Apenas acho que “angústia” se refere ao estado, não considerando o objeto, ao passo que “temor” chama a atenção precisamente para o objeto. “Terror”, por outro lado, parece ter um sentido especial, o de realçar o efeito de um perigo que não é recebido com a prontidão da angústia. Pode-se dizer, assim, que o homem se protege do terror por meio da angústia (FREUD, 2014a, p. 425).

Esses exemplos retomam o que foi apresentado no início da discussão sobre a angústia realista, porém, com o detalhe dessa última observação a respeito da relação com o terror. Mas há outro ponto importante da abordagem freudiana que precisa ser destacado. Freud apresenta sua crença de que o afeto da angústia reproduz uma impressão precoce, que se trata do ato do nascimento humano. Isso devido às inúmeras sensações de desprazer, que se tornaram uma espécie modelo de perigo de vida, o qual é repetido na forma do estado de angústia. O próprio substantivo “*Angst*” (angústia) deriva de “*angustiae*” (aperto, em latim), enfatizando o sufocamento imediato ao nascimento e sinalizando o estreitamento da respiração, presente hoje nas situações reais e reproduzido no afeto. Outro destaque feito pelo autor indica a importância de considerar que o fato desse primeiro estado de angústia é decorrente da separação da mãe. A seguir, sobre a angústia neurótica, Freud (2014a, p. 427) escreve que:

[...] encontramos um estado de angústia generalizado, uma, digamos, angústia flutuante, pronta para se apegar a todo e qualquer conteúdo vagamente apropriado, uma angústia que influencia o juízo, que seleciona expectativas, à espreita de uma oportunidade para justificar-se. A esse estado damos o nome de “angústia expectante” ou “expectativa angustiada”.

Assim, ao contrário da angústia realista, a angústia neurótica não se apresenta diante de um objeto que representa uma ameaça. O que aparece são os efeitos, apenas, como se houvesse um perigo iminente, uma inquietação perturbadora. Esse tema é retomado mais adiante na obra freudiana, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (FREUD, 2014b), onde, além de fazer revisões em suas concepções sobre a angústia, o autor também desenvolve a aprofunda sua abordagem. Ele explica que “a angústia tem uma

inconfundível relação com a expectativa: é angústia diante de algo. Nela há uma característica de indeterminação e ausência de objeto” (FREUD, 2014b, p. 114). Nesse caso, ele reconhece que em nossa linguagem acabamos por “mudar o nome” do afeto quando a angústia encontra um objeto: o temor. Com isso, Freud amplia sua discussão acerca da angústia realista e da neurótica, pois a linha que as diferencia começa a ficar mais tênue com a possibilidade desse “objeto indefinido” da angústia neurótica eventualmente tornar-se consciente, de maneira que ela acabaria sendo tratada como angústia realista.

Se a angústia remonta ao perigo, Freud se interroga sobre o núcleo dessa situação perigosa, afirmando, então, que este seria o desamparo, que resultaria em uma situação traumática. Escreve o psicanalista: “A situação de perigo é a reconhecida, recordada, esperada situação de desamparo. A angústia é a original reação ao desamparo no trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para ajuda” (FREUD, 2014b, p. 116). Nessa rápida passagem nos escritos freudianos pudemos observar essa dinâmica da angústia, sua relação com objetos definidos ou indefinidos e seus resultados. Essa abordagem, como veremos adiante, em certa medida difere-se daquelas propostas por Sartre e Lacan. No entanto, essas notas a respeito de um objeto indeterminado que causa certo temor, e o que isso nos diz sobre a angústia, pode ser um ponto digno de destaque. Por ora, é o suficiente para darmos continuidade ao percurso aqui proposto, abrindo a passagem para que o existencialista possa aproximar-se dessa travessia.

## **SARTRE E A PSICANÁLISE: OUTRAS VIAS**

No que diz respeito especificamente à angústia, Sartre não chega a debater os escritos de Freud, mas estes certamente não passaram sem consideração pelo pensador francês. Ainda que mantivesse ressalvas quanto aos pressupostos conceituais do método freudiano, sobretudo a conceitos como inconsciente e censura, conforme discutidos frente à má-fé em *O ser o nada*, críticas que são expostas e debatidas por Rodrigues (2016), a verdade é que houve um constante diálogo com a psicanálise. Fato que levou o existencialista a propor sua própria abordagem para a compreensão do ser humano imerso em sua historicidade, em busca de seu projeto original: a psicanálise existencial.

Escreve Sartre (2014, p. 565, grifo do autor):

Somente uma escola partiu da mesma evidência originária que nós: a escola freudiana. Para Freud, como para nós, um ato não pode limitar-se a si mesmo: remete imediatamente a estruturas mais profundas. E a psicanálise é o método que permite explicar tais estruturas. Freud indaga, como nós, em que condições é possível que tal pessoa em particular tenha executado tal ação em particular. E, como nós, nega-se a interpretar a ação pelo momento antecedente, ou seja, a conceber um determinismo psíquico horizontal. O ato lhe parece *simbólico*, ou seja, parece traduzir um desejo mais profundo, o qual só pode ser interpretado a partir de uma determinação inicial da libido do sujeito. Só que Freud busca constituir um determinismo vertical. Além disso, por esse subterfúgio, sua concepção vai necessariamente remeter ao passado do sujeito. A afetividade, para ele, está na base do ato, em forma de tendências psicofisiológicas. Porém, essa afetividade, em cada um de nós, é originalmente uma “tábula rasa”: são as circunstâncias exteriores e, sem meias palavras, a *história* do sujeito que decidirão se tal ou qual tendência irá coagular sobre tal ou qual objeto.

Essa passagem esboça algumas de suas discordâncias e concordâncias em relação à psicanálise. Logo de início fica demarcada uma das principais concordâncias de Sartre: o entendimento de que o agir humano não é restrito à uma significação em si mesmo, pois remete a outras estruturas e experiências. Na ótica de Sartre, a psicanálise poderia auxiliar na compreensão de como um passado específico resulta na situação presente do homem, como sua história o atravessa designando seus atos. Porém, para o francês, esse movimento aparece como uma condição de possibilidade para o homem, e não como a determinação de um destino. Nesse ponto, então, apareceria a principal discordância do existencialista: O problema do determinismo (aos olhos de Sartre) sempre circulando a proposta freudiana, principalmente no que diz respeito às pulsões, descritas pelo francês como “tendências psicofisiológicas”.

Sartre insere a historicidade em sua abordagem, um ponto que demarcará seu percurso desde aqui, sendo complementada, futuramente, pelo marxismo. Com isso, ele compreende que a realidade humana depende da historicidade, é resultado dela, e o homem só pode ser compreendido estando inserido nela. Em Sartre, a historicidade aparece como atravessando o indivíduo. Ele se constrói nela e diante dela, num movimento dialético, o que possibilita não apenas a interpretação de fatores determinantes, mas principalmente a compreensão do lugar do indivíduo em sua história, implementando a noção de situação. Por isso, é o processo histórico que designa seu campo de possíveis. Pensar a liberdade dentro dessa perspectiva a situa no mundo, delineando a possibilidade de fazermos algo do que foi feito de nós.

A preocupação com a historicidade não aparece de maneira nítida em Freud, pois seu interesse volta-se especificamente para o sujeito e sua economia psíquica. Podemos considerar que, nesse caso, a ênfase na história se encontra intrínseca ao indivíduo, engendrando o determinismo psicológico. Por isso, em certa medida, a ação aparece como determinada pelo psiquismo individual na perspectiva freudiana, enquanto que em Sartre, a ação é livre, pois o que está em jogo é a relação do homem com a situação em que se insere e como ele se coloca diante de seu campo de possíveis.

Apesar dessas discordâncias, Sartre inegavelmente sempre manifestou seu interesse pela psicanálise. Aproximadamente quinze anos após a publicação de *O ser e o nada*, escrevera, a convite, duas versões de roteiro para um filme sobre Freud, que acabaram não sendo usados devido a conflitos com o diretor John Huston (SARTRE, 2005). O convite aconteceu em 1958, fato que demandou ao filósofo francês que retornasse às obras freudianas, o que resultou num reencontro que, muito provavelmente, mudou sua recepção de Freud e sua psicanálise. Surge aí uma possível influência na escrita da biografia de Flaubert, anos mais tarde, conforme apresenta o psicanalista J.-B. Pontalis no prefácio do livro que reúne os dois roteiros escritos por Sartre. Sobre o encontro de Sartre com a psicanálise, Franklin Leopoldo e Silva (2015) destaca que esta aparece para o existencialista como um instrumento fundamental na busca do entendimento da relação entre subjetividade e história. Nesse sentido, o autor citado considera que duas “vertentes” da obra sartriana o conduziram à psicanálise: “a elucidação ontológica da subjetividade como processo existencial e a compreensão do caráter histórico da existência” (SILVA, 2015, p. 39). Mesmo que normalmente se divida a obra de Sartre em dois momentos, primeiro com a ontologia fenomenológica em *O ser e o nada* e, mais tarde, a preocupação com o sujeito histórico em *Questão de método* e na *Crítica da razão dialética*, Silva (2015) defende que, se considerarmos o encontro de Sartre com a psicanálise, essa divisão não se aplica. Em suas palavras:

[...] a leitura pautada pelo que poderia ser entendido como uma sequência de duas diferentes “fases” do pensamento de Sartre arrisca-se a deixar escapar algo fundamental: a subjetividade, como exercício de uma liberdade radical, deve ser sempre pensada historicamente, pois a existência é, por definição, histórica (SILVA, 2015, p. 39).

A permanência dessa questão na obra sartriana fica evidente em *Questão de método*, onde o autor mais uma vez recorre à psicanálise para fundamentar seu método progressivo-regressivo, sob o qual será tratada a monumental biografia de Flaubert. O autor lança mão da teoria freudiana para abordar o processo que faz com que uma criança, em sua situação e atravessada por suas condições, resulte em certo adulto. Ou seja, o processo que perpassa a vida humana ao longo de seu desenvolvimento, entre possibilidades e escolhas, mas, ao mesmo tempo, trazendo consigo “cristalizações” que apontam para seu futuro. Nas palavras do autor: “A psicanálise, no interior de uma totalização dialética, reenvia, de um lado, às estruturas objetivas, às condições materiais e de outro, à ação da nossa insuperável infância sobre nossa vida de adulto” (SARTRE, 1987, p. 139).

Mas é em *O idiota da família* que Sartre abraça a psicanálise. Articulando conceitos freudianos em conjunto com sua abordagem existencialista, o filósofo constrói uma exaustiva biografia de Gustave Flaubert. É nesta obra, talvez, que se consolide finalmente a aproximação de Sartre com a psicanálise. Quanto às suas elaborações sobre a angústia, essas não chegaram, ainda, a convergir com os escritos psicanalíticos. Diante do percurso sartriano, que inicialmente circula com cuidado pela psicanálise, mas, finalmente abre-se para o diálogo, resta agora a possibilidade de construirmos outra ponte. Não se trata de dar eco às discordâncias de Sartre em relação a Freud. Aqui, tentamos esboçar outras possibilidades: o diálogo, a aproximação e, talvez, a integração de abordagens que tanto têm a oferecer à compreensão do humano.

## UMA TEORIA SARTRIANA DA ANGÚSTIA

Em seu percurso teórico, Sartre problematizou a relação do ser humano com o mundo e a liberdade como fundamento da condição humana. A partir da máxima “a existência precede a essência” (SARTRE, 2013b, p. 23), defendeu que, em primeiro lugar, o ser humano é lançado ao mundo dentro de certo contexto social e cultural, dentro de uma época, mediado pela materialidade do mundo e pelos outros, e só a partir daí é que ele vai construindo seu projeto, realizando suas escolhas dentre as possibilidades e tornando-se aquilo que fizer de si mesmo. Essa liberdade da qual fala Sartre não aparece de maneira gratuita ou ao acaso, ela se dá em situação, frente a um campo de possíveis que o autor descreve:

As condições materiais de sua existência circunscrevem o campo de suas possibilidades. [...]. E este campo, por sua vez, depende estreitamente da realidade social e histórica. [...]. Mas, por mais reduzido que seja, o campo dos possíveis sempre existe e não devemos imaginá-lo como uma zona de indeterminação, mas ao contrário, como uma região fortemente estruturada, que depende da História inteira que envolve suas próprias contradições. É superando o dado em direção ao campo dos possíveis e realizando uma possibilidade entre todas que o indivíduo se objetiva e contribui para fazer a História (SARTRE, 1987, p. 152-153).

Dessa maneira, “condenado à liberdade”, o ser humano precisa realizar suas escolhas no sentido de construir seu projeto, constituir-se como sujeito. Por isso, Sartre nos fala sobre o engajamento do homem em sua existência, a necessidade de que faça algo do que foi feito dele. Assim, por causa da liberdade, ele se depara com o problema do desamparo, pois não há a quem culpar, não há outro responsável pelo seu engajamento senão ele mesmo. Revela-se então, o aspecto da angústia. Para Sartre, é através da angústia que o ser humano toma consciência da liberdade. Isso porque, na liberdade, o homem é seu passado e seu futuro, mas numa perspectiva de nadaificação. Isto é, ele situa-se frente a esse passado e futuro como os sendo, mas ao mesmo tempo, não os sendo. É lícito pensar que, ao olharmos para nosso passado ou supormos nosso futuro, estes venham carregados de significações, porém, elas não nos determinam em absoluto, pois aparecem como um horizonte de possibilidades. Por isso é possível que, ou nos identifiquemos com tal passado, como um produto dele, ou o coloquemos em questão, numa perspectiva de nos compreendermos diferentes do dado vivido: a possibilidade de ressignificar quem somos ao ressignificar o passado. Sartre retoma a diferenciação kierkegaardiana entre angústia e medo, escrevendo que:

[...] a angústia se distingue do medo porque o medo é medo dos seres do mundo, e a angústia é angústia diante de mim mesmo. A vertigem é angústia na medida em que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele. Uma situação que provoca medo, pois ameaça minha vida e meu ser, provoca angústia na medida em que desconfio de minhas reações adequadas a ela (SARTRE, 2014, p. 73).

Com exemplos sobre o soldado que se prepara para um bombardeio, ou o homem convocado para a guerra, Sartre destaca a angústia como “medo de ter medo”, ou seja, aparece a apreensão reflexiva de si na situação: os personagens dos exemplos angustiam-se

diante de si mesmos. Outro exemplo que também ilustra o problema é o do homem que encontra a falência financeira. Este homem pode temer a pobreza que se aproxima, ao mesmo tempo em que se angustia exclamando “que fazer?”. Essa é a diferença exposta pelo autor: o medo como apreensão irrefletida da situação e a angústia como apreensão reflexiva de si.

A exclamação do homem angustiado frente às suas perdas expõe a angústia como consciência da liberdade: o que fazer diante de tal situação? Essa questão o convoca a responsabilizar-se, ao mesmo tempo que o peso da responsabilização pode ser demasiado grande, movendo-o em certa direção, coloca-o diante de possibilidades e da necessidade de escolher(-se). Sartre, então, afirma que “a liberdade que se revela na angústia pode caracterizar-se pela existência do *nada* que se situa entre os motivos e o ato”, e complementa: “a partir do momento em que renunciamos à hipótese dos conteúdos de consciência, devemos admitir que não existe motivo *na* consciência: existe, sim *para* a consciência” (SARTRE, 2014, p. 78). Com isso, ele sinaliza a consciência como ser-para-si, falta, vazia de conteúdo, que se projeta para o mundo através da intencionalidade. Sartre determina o para-si como falta-de-ser. Nas palavras do filósofo:

Uma falta pressupõe uma trindade: aquilo que falta, ou faltante (*le manquant*); aquilo ao qual falta o que falta, ou o existente; e uma totalidade que foi desagregada pela falta e seria restaurada pela síntese entre o faltante e o existente: o faltado (*le manqué*). O ser que se dá à intuição da realidade humana é sempre aquele *ao qual falta alguma coisa*, ou existente (SARTRE, 2014, p. 136, grifo do autor).

Essa falta constitutiva na realidade humana não se refere simplesmente à uma abertura que poderia ser coberta ou um espaço a ser preenchido. É ela que possibilita o não-ser da consciência, a liberdade, o fazer-se diferente aquilo que se é. Nesse sentindo, demarcando o lugar dessa falta aparece o desejo. Importante salientar que o desejo ao qual se refere Sartre não tem relação com um *conatus* produtor de estados ou uma força que visa a um destino. O desejo aparece aqui como um “desejo de ser”, de dar conta da condição de falta, uma tentativa de integrar existente e faltante frente à totalidade do faltado. Porém, tal movimento é fadado ao fracasso, pois o para-si, como falta-de-ser, não pode encontrar a estabilidade do ser. O que resta, então, é a manutenção do desejo. Esse movimento entre falta e desejo coloca o ser humano nos limites do fazer. E através da ação ele constrói a si mesmo e ao mundo ao seu redor, fazendo-se na mesma medida em que é

feito pelos outros, sempre na possibilidade de fazer-se diferente do que foi feito dele. Movimento que só é possível porque ele é livre, condição sinalizada pela angústia. Seguindo Sartre, “convém sublinhar aqui que a liberdade manifestada pela angústia se caracteriza por uma obrigação perpetuamente renovada de refazer o *Eu* que designa o ser livre” (SARTRE, 2014, p. 79, grifo do autor), ou, ainda, “a liberdade como possível destruidora daquilo que sou, no presente e futuro” (SARTRE, 2014, p. 81).

No romance *A náusea*, Sartre ilustra a angústia a partir do momento em que o personagem Roquentin desiste de seu trabalho na biografia do sr. de Rollebon. Ali o personagem passa a perceber a falta de sentido em tudo o que faz, pois até então a pergunta “que fazer?” era respondida pelas idas à biblioteca, pelas leituras e pensamentos em nome de Rollebon, ou seja, a questão encontrava-se na escrita da biografia. Quando essa volta-se para ele mesmo, Roquentin sente a náusea, pois tudo está simplesmente ali de maneira gratuita, a árvore, o papel, e não há um sentido nisso tudo, cabendo a ele fazer e dar algum sentido. Temos, assim, um ser humano que fundamenta a sua existência na liberdade: livre, porque não possui em si mesmo a determinação daquilo que ele é ou do que virá a ser. Por isso, depara-se com a necessidade de fazer algo da situação onde está inserido, escolhendo através de um campo de possibilidades. Ainda que tente compartilhar essa responsabilidade, mascarando a liberdade por meio da má-fé, as consequências dessa escolha recaem sobre seus ombros e seus efeitos podem transformar não apenas aquilo que é, mas também a situação onde se insere. No espaço entre liberdade e responsabilidade, entre o que “foi” e o que “poderia ter sido”, aparece a angústia. Porque não há determinação *a priori*, é a angústia que assinala a condição humana como liberdade, demarcando a realidade humana como nada-de-ser. Um vazio eternamente a ser preenchido e que nunca encontrará completude, mas que ainda assim persiste na busca, caracterizada pelo desejo.

### **DE SARTRE A LACAN: entre margens**

Expusemos como se apresenta o chão de onde partimos nesta travessia. A cada novo passo, procurando locais seguros para começarmos a construir uma ponte, podemos nos questionar sobre qual o ponto ideal para iniciar. Mas, ao supor esse “ideal”, essa pode se mostrar uma maneira arriscada de começar o processo, tendo em vista que o francês psicanalista sempre se manteve arredio às aproximações com o francês existencialista.

Talvez seja o caso de, lentamente, sugerirmos outras bordas para este caminho. Não como ideal, mas como possível. Da mesma maneira, não temos a pretensão de fundamentar a mais sólida ponte entre o pensamento dos dois autores. O que começa a ser construído aqui, talvez possamos definir assim, são sinalizações para um percurso possível. Ou, simplesmente, a oferta de companhia para uma travessia que, como qualquer aventura, traz consigo um certo risco. Por onde começar? Jacques-Alain Miller nos indica um caminho ao afirmar que:

Não podemos verdadeiramente dizer que a angústia seja considerada como uma perturbação, como uma disfunção. E não me parece ter encontrado nesse Seminário a indicação de que a angústia da qual se trata, digamos, a angústia lacaniana [...], que seja questão, propriamente falando, de curá-la. Trata-se, quando muito, de atravessá-la (MILLER, 2005, p. 8).

Esse pode ser o primeiro ponto: a angústia não se trata de algo a ser curado. Algo da condição humana se destaca aí. Não se trata de uma disfunção que deve ser corrigida ou o desvio do humano diante de uma expectativa de normalidade, como pretendem as psicologias de base cognitiva ou as hegemônicas neurociências. Pois, nas palavras de Castro (2020, p. 146): “A angústia é algo que a ciência não pode objetificar. Ou seja, a angústia resiste a ser tratada unicamente em sua dimensão externa, observável e objetiva – sem que seja corrompida a sua significação”. Para Lacan a angústia é um afeto, afirmação que, para Elia (2008, p. 58, grifo do autor) “designa o efeito mais primordial que sofremos por sermos seres-corporais-falantes, seres de linguagem. Afeto é efeito, ambas as palavras derivando do *fazer*, do *facio* latino”. Essa afirmação situa o ser humano no mundo, como corpo atravessado pela linguagem, não muito distante da elaboração sartriana sobre a situação: o homem em relação, que não pode fazer-se sujeito estando isolado do mundo e dos outros.

Mas este afeto fundamental não aparece ao acaso e Lacan nos apresenta mais de uma maneira de apreendê-lo. Numa delas, ele demonstra uma dimensão de não-saber, comentando o apólogo do louva-deus: vestimos uma máscara de animal e nos deparamos com um louva-a-deus gigante. Não sabemos ao certo de que animal é a máscara que usamos e também não sabemos se o inseto diante de nós se trata de uma fêmea, mas sabemos o que faz a fêmea do louva-a-deus após acasalar com o macho – devora-lhe a cabeça. Permanece a interrogação que supostamente dirigimos àquele ser: *Que quer ele de*

*mim?* Há uma espécie de convocação à ação, a fazer algo, mas logo esbarramos no vazio a nossa frente, pois não há, de fato, nem o que fazer, nem tal solicitação. Apenas um olhar que se dirige a nós. Neste espaço entre a “convocação” e o vazio, aparece a angústia, pois demarca a posição de um suposto eu frente ao desejo do Outro.

Sartrianamente, podemos pensar no olhar “petrificante” do Outro, que nos visa e situa no mundo, fazendo escoar nossa liberdade e tornando-nos coisa entre as coisas. Aqui, a angústia pode ser apreendida por outra via, pois a coisificação do humano preenche sua condição de faltante. Logo, não há saída nem movimento possível, pois algo se encontra nesse lugar que designa uma falta. De certa maneira, acabamos por falar da falta que vem a faltar, como sugere Lacan. Há uma similaridade entre a *falta-de-ser* sartriana e a *falta-em-ser* lacaniana. Graña nos ajuda a pensar sobre isso:

Veja-se que a forma negativa como o ser do homem é aqui apresentado o aproxima da concepção lacaniana do ser do homem como falta; no centro do sujeito há um nada, dirá Lacan, um buraco inobturável. Esse buraco, em torno do qual a subjetividade humana se estrutura, se enrosca como uma serpente ao redor de um cilindro de vidro, é o que não permite enunciar positivamente o ser do homem. [...]. O sujeito humano é *manque-à-être*, dirá Lacan, quando Sartre o definira antes como *manque-d'être* (GRAÑA, 2019, p. 104, grifo do autor).

Lacan (2005) faz a referência à “falta da falta” com o objetivo de responder à questão: quando surge a angústia? Em sua resposta, ele destaca um lugar que demarca essa falta e o chama (-φ), a imagem da falta, da castração, daquilo que faltou, como um contorno que sinaliza algo, uma projeção, e que convoca a fazer algo, a “dar conta”. Então, uma coisa (qualquer coisa) se interpõe ali onde deveria faltar. O psicanalista lança mão de um conceito freudiano para desenvolver esse ponto: o *Unheimlich*, costumeiramente traduzido como estranho, sinistro, estranho familiar, mas tais traduções não conseguem se aproximar tanto do significado original da palavra alemã quanto o neologismo *infamiliar*. Esse termo, de acordo com Freud, remete a algo profundamente familiar que deveria permanecer oculto, mas que vem à tona, ou algo que é tão próximo e familiar que, por um momento, causa um estranhamento. Ou seja, o *infamiliar* refere-se a uma sensação contraditória de familiaridade e estranheza simultâneas em relação a algo (Cf. FREUD, 2019).

Uma estreita relação entre angústia e infamiliar se coloca em questão. Nas palavras de Lacan (2005, p. 51), “a *Unheimlichkeit* é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-*phi*”. Mas o que é, então, que aparece no lugar demarcado como  $(-\phi)$  e desencadeia, afinal, a angústia? Faz-se necessário trazermos mais um conceito para a discussão antes de adentrarmos esse ponto.

Outra das maiores elaborações lacanianas no *Seminário 10*, além daquela que dá título ao seminário, é o “objeto *a*”. Certamente um conceito bastante complexo, mas como não concerne diretamente ao escopo deste trabalho, não vamos nos ater à sua formulação, então tomaremos apenas a descrição que lhe é proposta: objeto causa de desejo. Causa, porque se fosse possível colocarmos o desejo sobre um vetor, o objeto *a* apareceria antes dele, e não a sua frente. Para Lacan, o *a* está no lugar que causa esse vetor. Não é um objeto de desejo, algo que pode ser visado, alvo de uma intencionalidade. Nas palavras de Soler (2012, p. 61): “o objeto é a causa de toda a intencionalidade, quer seja a da libido na relação de objeto, quer seja do pensamento em relação a isso que se pensa”. Mas, se o objeto *a* é anterior mesmo à intencionalidade, não seria um problema para a consciência intencional que defende Sartre? A resposta é não, pois o *a* não é um conteúdo da consciência. Ele também não coloca em risco a noção de liberdade do existencialista, pois não se trata de uma determinação imanente ao sujeito. O objeto *a*, ainda que não seja um objeto comum, uma coisa entre outras coisas, é um objeto do mundo, mas indefinido, indeterminado. O *a* se faz da nossa relação com o mundo, da interrogação que o mundo nos faz ao olharmos para ele.

Havendo *a* como causa de desejo, podemos retomar a relação entre a falta-de-ser e o desejo em Sartre. Temos o ser humano, existente em um mundo dado, humano este que é atravessado pela falta fundamental que possibilita a liberdade. Então, no mundo, precisa fazer(-se) e é o desejo que o mobiliza. Assim, negatividade em um mundo positivo, algo atravessa essa falta em direção ao mundo: o *a* que causa o desejo. Retornando à questão que ficou em aberto, temos aí o que aparece no lugar do  $(-\phi)$ : o objeto *a*. Isso retoma aqueles questionamentos que, de certa maneira, impelem o sujeito à ação – *que fazer?* – em Sartre, e – *que quer ele de mim?* – em Lacan. Normalmente compreendemos a angústia como não tendo um objeto, ao contrário do medo. De fato, se tentarmos designar um objeto determinado a nossa frente como referente à angústia, talvez não consigamos

apreender toda a relação envolvida. Mas Lacan apresenta uma formulação diferente: a angústia não é sem objeto. Harari (1997, p. 40-41, grifo do autor) nos ajuda a entender:

Essa assertiva é, por certo, nova. A angústia passa a ser algo diferente de uma reação do sujeito ante algo que falta, que não está presente diante de si. [...]. Essas duas partículas, “não...sem” estruturam o aforismo de modo que possa dar conta de uma *condição obscura, imprecisa, do objeto em questão*. Dessa maneira, o dito objeto fica caracterizado como algo que se encontra muito longe de ser óbvio ou evidente.

É esse objeto indefinido, enfim, que se coloca frente a uma falta e desperta a angústia. Que sinaliza um desejo que, de certa maneira, nos coloca em débito. Faz com que nos apreendamos na situação, diante de algo que nos interroga, seja a beira do abismo, seja o louva-a-deus. Ou, ainda, a mais banal vivência cotidiana que, por um segundo, nos petrifica porque algo mais se passa ali, algo que estamos impossibilitados de distinguir, mas que nos atravessa na forma da angústia. Talvez por isso mesmo a angústia seja o afeto que não mente, como pontua Lacan, pois nos coloca diante de nossa condição humana, das impossibilidades sem nome e do nada que permeia o passo logo à frente. Se estamos condenados à liberdade, cumprimos nossa pena em um mundo que nos atravessa com sua linguagem, ao mesmo tempo em que nos escapa entre os dedos, entre as palavras.

## CONCLUSÃO

Parece-nos que já é possível perceber que a escolha pela palavra “travessia” não foi ao acaso. Falar sobre o nada, a falta, o vazio e, adiante, o desejo, “não é sem” atravessamentos. Certamente também “não é sem” angústia. Enfim, um trabalho difícil circular com palavras esses buracos. Entendemos que muitas questões podem ter ficado em aberto, mas seria possível fechar questão dentro desse tema? Talvez, se pensarmos essa travessia como necessidade de integrar os pensamentos de Sartre e Lacan (com um ponto final), seja possível apontar as falhas na construção de uma pretensa ponte. Mas acreditamos que nosso percurso não tenha tratado disso. O objetivo dessa travessia foi encontrar caminhos, demarcar pontos de onde é possível partir em caminhada. Talvez tenhamos, sim, construído algo ou minimamente demarcado fundações (ou fundamentos),

mas sabemos que utilizamos ferramentas pesadas e complexas, que podem trazer algum risco no manuseio, como acontece com a articulação de densos conceitos.

Sem pensar na ponte e focando na travessia (da angústia), destacamos aqui a dimensão do indeterminado, do “não saber”, da falta, o que não deixa de ser maneiras de nos referirmos à condição humana. Ainda que cada autor, psicanalista ou filósofo, que fez parte desse percurso, ofereça suas considerações para o entendimento do ponto mais básico da existência, que é o humano no mundo, mesmo que sejam diferentes, ainda assim compartilham o olhar para esse afeto fundamental que atravessa cada humano – a angústia.

Enfim, é a angústia que nos atravessa. Mas não nos paralisa! Pelo contrário, ao nos fazer humanos, coloca-nos em movimento, lança-nos em relações, interroga-nos. E não há outra resposta senão o fazer. Atravessar o desespero e, com Kierkegaard, dar o salto de fé. Quanto a Sartre e Lacan, muito ainda há que ser dito. Em nossa travessia vislumbramos e destacamos possíveis pontos de diálogo, mas certamente existem outros, que necessitam de um trabalho de maior extensão e envergadura para dar conta tanto das críticas entre os autores quanto de suas convergências. Nesse percurso, supomos terríveis percalços para enfrentar essa travessia. Um abismo entre os autores, um terreno pantanoso da angústia, uma densa floresta do desejo. Poderíamos, ainda, supor muito maior a distância e nos petrificarmos diante de um caminho dito impossível. Mas nada nos resta, a não ser andar. E após cada passo, o percurso se faz menos impossível, quase possível. Afinal, a angústia não é sem liberdade.

## REFERÊNCIAS

**CASTRO**, F. C. L. de. A angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre – sobre o que a ciência não pode objetificar. Revista Ética e Filosofia política, v. 1, n. 23, p. 144-164, jun. 2020.

**ELIA**, L. A angústia e a invenção do sujeito. Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre. n. 34, p. 57-65, jan/jun. 2008.

**FREUD**, S. Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. p. 422-442 (Obras completas, v. 13).

\_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014b. p. 9-98 (Obras completas, v. 17).

\_\_\_\_\_. O infamiliar. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 27-126.

**GRAÑA**, R. B. **SARTRE**: ou o inconsciente como álibi. Porto Alegre: AGE, 2019.

**HARARI**, R. **O SEMINÁRIO “A ANGÚSTIA” DE LACAN**: uma introdução. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

**LACAN**, J. **O SEMINÁRIO, LIVRO 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

**MILLER**, J. A. Introdução à leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan. **Opção lacaniana**, n. 43, p. 7-91, Maio, 2005.

**RODRIGUES**, M. G. Sartre, Freud e a oposição entre má-fé e inconsciente. **Natureza humana**, v. 18, n. 2, p. 70-95, jul./dez. 2016.

SARTRE, J.-P. Questão de método. In: O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 109-191 (Coleção Os pensadores).

\_\_\_\_\_. **FREUD, ALÉM DA ALMA:** roteiro para um filme. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. A náusea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. **O IDIOTA DA FAMÍLIA:** Gustave Flaubert de 1821 a 1857. Porto Alegre: L&PM, 2013a. (V. 1).

\_\_\_\_\_. O existencialismo é um humanismo. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

\_\_\_\_\_. **O SER E O NADA:** ensaio de ontologia fenomenológica. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

**SILVA, F. L. e. SARTRE E A PSICANÁLISE:** subjetividade e história. **CIENC. CULT.** v. 67, n.1, p. 39-42, jan/mar. 2015.

**SOLER, C. SEMINÁRIO DE LEITURA DE TEXTO ANO 2006-2007:** Seminário A angústia, de Jacques Lacan. São Paulo: Escuta, 2012.